

A “Filosofia Educacional” de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra

Heber Carlos de Campos*

I. A Filosofia da Educação no século XVI

O sistema educacional dominante na Europa no século XVI era o sistema da Idade Média, derivado da teologia filosófica de Tomás de Aquino. Como é sabido de muitos, esse teólogo tentou fazer uma síntese entre a teologia cristã e o pensamento de Aristóteles. Em poucas palavras, podemos dizer que, como resultado dessa síntese, Aquino fez uma distinção básica entre *natureza* e *graça* que veio a afetar o sistema educacional subsequente.

Na *esfera da natureza* estava o estudo da filosofia, da ciência natural e de matérias afins, coisas estas que poderiam ser apreendidas pelo simples uso da razão, que não havia sido afetada pela queda no Éden. Tomás de Aquino chegou a admitir que algumas verdades do reino espiritual poderiam ser percebidas pela especulação da mente, mas não foi tão longe a ponto de aceitar que todas as coisas da esfera sobrenatural poderiam ser conhecidas simplesmente pela razão.

Na *esfera da graça* estavam as coisas ligadas à fé, a Deus, aos anjos e outras matérias teológicas. Para conhecer essas coisas era necessária a graça. A partir da época de Aquino, a teologia passou a ser considerada a rainha das ciências, porque trabalhava com a esfera das coisas divinas e com o sobrenatural. As outras ciências, entretanto, tratavam das coisas triviais e das coisas terrenas.

A filosofia da educação que vigorou até o final da Idade Média e, em alguns casos, até a implantação da Reforma, foi a filosofia educacional desenvolvida por Tomás de Aquino. A função primária da educação tomista era preparar homens para a igreja e para a corte. No que dizia respeito à igreja, esses homens não eram preparados para a pregação ou para a ministração dos sacramentos. Estas eram matérias negligenciadas naquele sistema de educação, quer nos colégios ou nas universidades. Os principais elementos da educação tomista eram os componentes do *trivium* – gramática latina, retórica e lógica – e do *quadrivium*: aritmética, geometria, astronomia e música. Após isto, o estudante poderia estudar teologia, direito ou medicina.¹

No final da Idade Média, nos séculos XIV e XV, começaram a ocorrer algumas mudanças no sistema educacional das universidades européias. A reação da Renascença e do Humanismo começou a direcionar o pensamento educacional unicamente para as realidades deste mundo, isto é, para as coisas que ocorriam na esfera horizontal.

As “existências” terrenas individuais tornaram-se cada vez mais importantes, e suas essências e significados “universais” começaram a ser ignorados, um ponto de vista que foi grandemente fortalecido pelo crescente interesse pelos escritos da Grécia e Roma antigas.²

Essa reação foi uma tentativa de confronto com a cosmovisão medieval da síntese tomista. Ela resultou em duas tendências: alguns eruditos, querendo um cristianismo

mais bíblico, acabaram tornando-se adeptos do movimento da Reforma que surgiu em seguida; outros caíram no humanismo puro e simples, onde Deus ficou fora do processo educacional, afirmando unicamente a autonomia do ser humano. Esses humanistas mais tarde renasceram antropologicamente em Jean Jacques Rousseau (1712-1778), com a sua filosofia de que a criança era algo como uma *tabula rasa*, sem qualquer mancha inerente, sendo apenas um produto do meio, uma espécie de pelagianismo do século V revivido no século XVIII.

II. A Formação Educacional de Calvino

Foi nesse período de conflitos e de mudanças na filosofia da educação das escolas e universidades européias que João Calvino entrou em cena. Calvino teve a sua educação superior na Universidade de Paris, onde adquiriu — como ele próprio testificou — uma boa noção das diferenças entre as velhas e as novas idéias educacionais.³ Da Universidade de Órleans, onde estudou direito, recebeu forte influência do humanismo do seu tempo, humanismo esse que sempre o acompanhou. Mesmo como um convertido ao protestantismo, ele sempre estimulou o estudo dos clássicos, da retórica e das línguas originais. Um dos seus biógrafos, François Wendel, afirma que “Calvino é sempre, mais ou menos, o humanista que era em 1532,” quando escreveu a sua primeira obra completamente humanista, um comentário do tratado *De Clementia*, de Sêneca.⁴

Enquanto estudava em Paris, sob o antigo sistema de Tomás de Aquino, ele percebeu os benefícios da nova abordagem da pedagogia educacional, ao estudar com Melchior Wolmar, Guillaume Budé e Lefèvre D’Étaples. De um grupo de jovens formados aos pés desses mestres surgiram vários educadores que posteriormente vieram a dar o melhor de si no sentido de implantar os novos métodos e técnicas de educação.

Dentre esses estudantes destaca-se Johannes Sturm, que em 1536 foi para Estrasburgo a fim de dirigir a Academia daquela cidade. Foi ali que Calvino, em seu exílio de Genebra (1538-1541), adquiriu uma experiência prática dos novos métodos, ao lecionar sob a orientação de Sturm.⁵ Em 1537, tendo a orientação pastoral de Martin Bucer, Sturm começou a organizar um sistema educacional com o lema “*sapiens atque eloquens pietas*” (“piedade sábia e eloqüente”). Ele havia aprendido isso de Bucer, que estava “convencido de que a verdadeira piedade nunca poderia florescer na ignorância.” Por essa razão, ele fez tudo o que pode para convencer as autoridades de Estrasburgo a estabelecer uma academia e um “*gymnasium*” para treinar a juventude.⁶

Calvino passou a ensinar no sistema educacional de Estrasburgo, que possuía a seguinte conformação: *Jardim da Infância*, para crianças abaixo de 6 anos; *Gymnasium*,⁷ para estudantes entre 6 e 15 anos; e *Hochschule*,⁸ para os de 16 anos em diante. Esta última fase substituiu a escola de teologia que Bucer havia criado. Os alunos da Academia estudavam grego, hebraico, filosofia, matemática, física, história, direito e teologia.⁹ Era uma espécie de universidade dos tempos modernos, com a sua divisão em faculdades, sendo uma delas a de teologia. Foi esse modelo educacional que Calvino aprendeu de Sturm e aplicou em Genebra.

III. A “Filosofia da Educação” de Calvino

Estritamente falando, Calvino nunca foi um filósofo da educação. Não há nenhuma declaração formal de sua filosofia educacional. Como observa T.M. Moore, “certamente Calvino não era nenhum filósofo da educação, [porque] nem havia tal disciplina formalmente reconhecida entre os eruditos do seu tempo.”¹⁰ Todavia, como veremos

adiante, ele ficou tão envolvido com a educação do povo de Genebra que podemos perceber um norte educacional na tarefa que realizou no coração francês da *Helvetia*.

A. A Natureza e o Propósito da Educação em Calvino

A despeito de Calvino não ser um filósofo da educação nos moldes da ciência contemporânea, a sua preocupação com a educação aponta não somente para a natureza de sua visão educacional, mas também para o propósito da mesma. Ele tinha em mente um plano a longo prazo e almejava um futuro glorioso para a sua nação adotiva através da educação. Moore afirma:

Está claro em seus escritos que Calvino estava perspicazmente cômico da importância do ministério do ensino para a concretização de sua obra em Genebra. Por exemplo, essa consciência se vê claramente manifesta em sua carta ao leitor apresentando a edição de 1559 de suas *Institutas*. Nela ele descreve sua ida para Genebra em termos educacionais, sendo a natureza de sua própria obra "cumprir o ofício de mestre na igreja."¹¹

Grande parte das energias de Calvino foi gasta na obra educacional de Genebra, onde dedicou-se à criação de escolas. Por essa razão, "foi na área da educação que Calvino desfrutou um de seus sucessos mais duradouros."¹²

Calvino possuía um propósito muito definido em sua filosofia educacional: ele queria que as crianças de Genebra viessem a ser úteis à sociedade, mas que suas mentes fossem formadas pelos ensinamentos das Santas Escrituras. Ele queria futuros cidadãos de Genebra bem preparados não somente na fé bíblica, mas também "na linguagem e nas humanidades." Por isso, ele dava uma ênfase primordial à educação voltada para a Escritura, bem como para as artes e as ciências. Ele queria cidadãos devidamente formados e formados de uma maneira completa, a fim de que pudessem assumir a liderança futura do mundo que os esperava. "O principal propósito da universidade era eminentemente prático: preparar os jovens para o ministério ou para o serviço no governo."¹³ Daí podemos entender a sua ênfase na Escritura e na teologia, de um lado, e o seu esforço na volta aos clássicos, do outro lado, a fim de que os jovens pudessem absorver a experiência passada para enfrentar os desafios do futuro.

B. A Educação Competia Prioritariamente à Igreja

Quando Calvino chegou a Genebra ele percebeu que os habitantes estavam vivendo em profunda ignorância, sem ninguém que pudesse dar-lhes solução para a situação de miséria intelectual, moral e espiritual em que se encontravam.

O raciocínio de Calvino seria o seguinte: "Supondo que o conhecimento da doutrina cristã era fundamental para uma vida de fé eficaz, ele estava convencido de que a instrução era a maior necessidade de Genebra."¹⁴ Todavia, não era mera instrução que Calvino queria. Não bastavam mestres pedagogicamente preparados. Ele queria que houvesse um ministério da Palavra forte e bem-treinado para ser a ponta-de-lança do seu ataque contra a ignorância. Antes de tudo, no entender de Calvino, a ignorância existente em Genebra era produto da ignorância espiritual. Além disso, como um povo inculto em todas as áreas poderia absorver os ensinamentos de homens bem-preparados? O povo também tinha que ser bem-preparado para poder receber e apreciar as instruções. O que fez Calvino? Começou a preparar um trabalho de base. A solução era começar a educar as crianças.

Calvino voltou-se para as Escrituras em busca de orientação para determinar quem deveria ser o agente responsável pela educação dos cidadãos de Genebra. Chegou à conclusão de que a igreja deveria tomar a frente dessa tarefa. Ela deveria ser a agência através da qual Genebra sairia da ignorância. "Tanto o magistrado como o lar deveriam ter o seu papel na obra da educação, mas deveria ser primariamente através da igreja que essa tarefa seria organizada e realizada."¹⁵

A Escritura seria a base para a educação das crianças até que chegassem à maturidade da fé. Por essa razão, os ministros da Palavra assumiriam a tarefa da educação nas escolas elementares e nos colégios de Genebra. Todavia, não somente a igreja deveria ter um papel na educação do povo de Genebra.

Calvino pressupõe o envolvimento dos pais na educação dos filhos e, pelo menos antes de 1541, também do governo; mas a responsabilidade primária e maior pela execução dessa tarefa estava destinada à igreja, conforme representada por seus pastores e oficiais.¹⁶

O objetivo de Calvino em sua filosofia educacional era prático. A igreja devia supervisionar toda a educação. O processo não dispensava o lar nem o governo civil, mas estava centrado primariamente nas funções dos pastores e mestres da igreja. A função da instrução, no conceito de Calvino, estava nas mãos dos pastores e mestres.¹⁷ Nessa filosofia ele não se apartou de algumas práticas do velho modelo. Todavia, o que mudou foi o conteúdo do ensino e a pureza da teologia. Os mestres da igreja deveriam servir na igreja propriamente dita, na educação bíblica e teológica, mas também deviam exercer o seu magistério nos colégios, nas mais variadas ciências, a fim de que os alunos viessem a ser bons cidadãos e participassem futuramente do governo civil.

C. Alguns Elementos da Filosofia Educacional de Calvino

A teoria do aprendizado na época de Calvino não era tão complicada quanto a atual, em que os autores se digladiam na defesa das mais variadas correntes, muitas vezes contraditórias. Em sua teologia sobre a imagem de Deus no homem, Calvino viu o ser humano como um ser que aprende inerentemente.¹⁸ Deus depositou no ser humano "a semente da religião" e também o deixou exposto à estrutura total do universo criado¹⁹ e à influência das Escrituras. Por causa dessas coisas, qualquer homem podia aprender, desde o mais simples camponês ao indivíduo mais instruído nas artes liberais.²⁰

Todavia, Calvino reconhecia que nem todos os homens aprendiam sobre Deus de igual maneira. O aprendizado de Deus não era simplesmente uma questão de mera atividade intelectual. Era acima de tudo o que dizia respeito à atuação do Espírito Santo. O verdadeiro aprendizado sobre Deus era uma obra interior do Espírito. Ele incluía o conhecimento do Deus criador e do Deus redentor.

Conhecer Deus como criador, em resumo, é aquiescer em sua soberania sobre a totalidade de nossas vidas... O conhecimento de Deus como Redentor é experimentado através da fé em Cristo e induz os homens à verdadeira adoração de Deus e confiança na esperança da vida eterna.²¹

O conhecimento que se pode ter dos homens é aprendido nas ciências e nas artes em geral. Contudo, para que esse conhecimento correspondesse à realidade, as faculdades da alma humana deveriam estar em equilíbrio. A imagem de Deus precisava ser restaurada a fim de que os homens pudessem ter um conhecimento adequado de si mesmos. Infelizmente, essa visão foi perdida por completo com o avanço da filosofia

humanista nas universidades.

Segundo o entendimento de Calvino, o intelecto, as afeições e a vontade deveriam ser todos devidamente restaurados pelo conhecimento de Deus. O conhecimento correto dos homens era dependente do correto conhecimento de Deus. A reforma do caráter era a conseqüência última do conhecimento de Deus. Disto Calvino não abria mão. Por essa razão, ele enfatizou primariamente o ministério da Palavra, para depois enfatizar o ensino nas outras áreas da vida. Primeiramente vinha a rainha das ciências; depois as outras ciências. Obviamente, hoje navegamos em águas muitíssimo diferentes. A teologia não é mais a rainha das ciências nas universidades e, em muitas delas, nem mesmo uma ciência. O conhecimento de Deus foi posto de lado no ensino contemporâneo. Felizmente, em alguns círculos há quem acredite que ela deva estar de volta. Que isso possa acontecer brevemente em nosso país e assim venhamos a ter uma melhor filosofia da educação.

Calvino requeria algumas coisas dos aprendizes: 1) ele exigia dos alunos a freqüência às reuniões públicas de instrução, nas quais havia o ensino do catecismo; 2) os alunos deveriam igualmente ser diligentes no seu estudo pessoal das Escrituras; 3) cada aluno tinha a responsabilidade de exercer vigilância sobre a sua própria vida. Dessa forma, eles aprendiam a ser responsáveis em matéria de obediência.

No que diz respeito aos professores, algumas ênfases de Calvino devem ser mencionadas. A ênfase principal e dominante era a diligência na preparação e a fidelidade às Escrituras Sagradas. Todavia, havia duas outras áreas nas quais os professores deviam estar atentos: 1) a primeira tinha a ver com os métodos de instrução: preleções, catequese, leitura, tutoria privada, meditação privada; 2) a outra área tinha a ver com os objetivos do aprendizado. Por exemplo, os objetivos do aprendizado catequético incluíam uma apresentação oral perante a congregação, como parte da mesma um sumário do catecismo e também uma declaração da fé pessoal. O primeiro objetivo era de natureza psicomotora; o segundo cognitivo e o terceiro afetivo, se quisermos usar uma terminologia educacional contemporânea.

IV. A Educação em Genebra antes da Academia

Antes de Calvino, a educação em Genebra era extremamente precária. "Em 1365, o imperador Carlos IV havia promulgado uma bula estabelecendo uma universidade genebrina, mas o plano fracassou completamente."²²

Só havia um colégio em Genebra até a época da chegada de Calvino. Um mercador local, François de Versonnex, estabeleceu o Collège Versonnex, fundado em 1428-29, com o propósito de preparar pessoas para o clero. Todavia, havia muito pouco treinamento acadêmico nessa escola. Quando Calvino chegou pela segunda vez a Genebra, em 1541, esse colégio, que estava decadente e prestes a desaparecer, foi reorganizado e passou a oferecer ensino gratuito.

Embora o Collège Versonnex praticamente mantivesse o monopólio da educação em Genebra, havia algumas escolas ilegais na cidade. Quando Calvino iniciou as suas atividades em Genebra, em 1536, convenceu-se de que a educação era a grande solução para tirar o povo das trevas espirituais. Quando as pessoas se tornassem conhecedoras de Deus, elas não se conformariam com o seu *status quo* de ignorância. Na época de Calvino, a ignorância geralmente era produto da falta de luz espiritual. O segredo era criar escolas que oferecessem orientação espiritual, o que, por sua vez, abriria o caminho

para o conhecimento das outras ciências.

V. A Educação Em Genebra com a Chegada de Calvino

Quando assumiu o seu trabalho na igreja de Genebra, em 1536, Calvino apresentou um plano ao conselho municipal que incluía uma escola para todas as crianças, na qual as crianças pobres teriam ensino gratuito. A seguir, ele começou a trabalhar com as crianças da cidade, escrevendo um catecismo para elas ainda em 1536.

Os esforços de Calvino para a implantação dessa escola foram insistentes. O resultado dessa proposta foi o Collège de la Rive, cujos primeiros diretores foram Antoine Saunier (1536) e depois o velho professor de Calvino, Mathurin Cordier (1537). Os planos para a escola continuaram até 1538, quando Calvino foi expulso de Genebra. Com a sua saída, a causa educacional sofreu um golpe mortal e o Collège de la Rive quase foi à falência. Somente foi reerguido com o retorno de Calvino a Genebra em 1541. "Assim, o Collège de la Rive foi revivido para continuar as suas atividades por outros dezoito anos."²³ Foi, portanto, no exílio de Estrasburgo que as idéias educacionais de Calvino amadureceram.

A fim de evitar a superpopulação no colégio Versonnex, a cidade de Genebra organizou quatro escolas elementares nas quatro regiões da cidade. "Os alunos do colégio, ou *schola privata*, foram divididos em quatro seções de acordo com a residência nos quatro departamentos da cidade e classificados em sete graus, desde os iniciantes (classe 7) até aos da graduação."²⁴ A princípio era cobrada uma pequena taxa, que foi abolida pelo conselho municipal após 1571, a pedido de Teodoro Beza, o sucessor de Calvino. O historiador Phillip Schaff diz que "Calvino algumas vezes é chamado o fundador do sistema escolar comum,"²⁵ porque foi no seu tempo que essas escolas surgiram em Genebra. Essa afirmação é verdadeira, pois ele instou Mathurin Cordier, que agora estava com Farel em Neuchâtel, a iniciar o projeto, mas o mesmo disse sentir-se muito velho para a tarefa (aos 61 anos). Então foi designado Sebastian Castellio, um homem experimentado na área da educação, que havia sido professor do Collège de la Rive. Todavia, essa escola não cresceu por causa da sua extrema pobreza e também por não combinar com a abordagem educacional que Calvino tinha em mente.²⁶

No tempo de Calvino também criou-se uma escola para meninas, aparentemente na casa de Pierre Joly, da qual pouco sabemos. Havia outras pequenas escolas para infantes naquela época, mas eram mal-administradas e precisavam ser reformadas no seu conceito educacional. Calvino tinha o propósito de reordenar todas essas pequenas escolas, mas as reformas pretendidas por ele não puderam ocorrer devido a conflitos na cidade que ainda estavam por ser resolvidos. Foi somente em janeiro de 1558 que surgiu a oportunidade que Calvino tanto esperava para abrir a sua escola-modelo.

Todavia, antes que a Academia iniciasse, as escolas primárias particulares foram inspecionadas e reorganizadas. Elas foram reduzidas a quatro e distribuídas pelas quatro paróquias existentes. Agora, elas eram dirigidas principalmente pelos ministros dessas paróquias.²⁷ As aulas começavam às seis da manhã no verão e às sete no inverno, e terminavam às quatro da tarde.²⁸

Nessas escolas, os alunos principiantes, os da classe 7, passavam do alfabeto à leitura do francês fluente e já saboreavam algo do latim. A classe 6 era instruída na gramática latina e se exercitava numa composição simples em latim. Virgílio, Ovídio e Cícero eram estudados. A gramática grega começava na classe 4. As classes 3 a 1 tinham abundância de latim e literatura grega. Aos sábados, os alunos ouviam por uma hora a leitura de

porções do Novo Testamento grego, juntamente com noções de retórica e dialética, com base nos textos clássicos.²⁹ A educação das escolas elementares e colegiais de Genebra já refletia o humanismo do seu principal mentor dentro do protestantismo, João Calvino. Ele insistia que os alunos das escolas genebrinas, semelhantemente aos de Estrasburgo, fossem hábeis tanto no falar quanto no escrever em latim à moda de Cícero. Não é sem razão que, diante da sua capacitação no latim, se dizia que "meninos de Genebra falavam como os doutores da Sorbonne."³⁰

Há mais uma nota religiosa na educação das crianças genebrinas. Além do latim e do grego, elas aprendiam a cantar os Salmos em francês. Diariamente, das onze horas ao meio dia, dedicavam-se a essa tarefa devocional.

VI. A Idéia da Academia de Genebra

Por muitos anos, "de 1541 a 1556, houve uma luta contínua para defender a Igreja Reformada dos ataques dos libertinos, romanistas e políticos, de forma que pouco tempo pode ser gasto na melhoria das escolas."³¹ Anteriormente, Calvino havia feito várias tentativas de reformular o sistema educacional de Genebra, como a criação das escolas elementares nos quatro bairros da cidade, mas isso não surtiu o efeito desejado. Eram necessários dias mais pacíficos para que essa tarefa pudesse ser efetuada com êxito. O sonho de criar uma academia sempre esteve na mente do reformador, mas somente poucos anos antes de sua morte é que pode realizá-lo.

A. Os Fundos Levantados para a Academia de Genebra

Logo após a sua volta para Genebra, em 1541, Calvino começou a procurar um terreno fora dos muros da cidade, com vista para o lago, para ali começar a construir o colégio.

Todavia, a despeito de todas as suas idéias, não havia fundos para construir o prédio nem para pagar os professores. Como não havia dinheiro público disponível, Calvino apelou à filantropia particular, alcançando bastante sucesso nesse esforço. Ele próprio arrecadou 10.024 *guilders* de ouro, uma grande soma para a época. Outras pessoas contribuíram muito liberalmente, acrescentando mais 3.526 *guilders*.³² Com essa quantia, começaram a construir o edifício.

B. A Dedicção da Academia de Genebra

Em cerimônia formal, uma grande assembléia reuniu-se na Catedral de Saint Pierre no dia 5 de junho de 1559, para dar início à solenidade de inauguração da Academia de Genebra, sob os auspícios das autoridades genebrinas. Parece que toda a cerimônia foi presidida por Calvino. Ele invocou a bênção de Deus sobre a instituição nascente, que foi dedicada para sempre para o estudo das ciências e da religião. Todavia, o principal discurso foi proferido em latim por Beza, que ali foi proclamado reitor, destacando de maneira erudita os pontos altos da história da educação e congratulando-se com a cidade de Genebra por tão importante empreitada.

Um dos pontos mais altos da cerimônia foi a leitura das leis e dos regulamentos da Academia, tendo Calvino como seu autor. Então, discretamente, o reformador fez um breve discurso em francês e terminou a cerimônia com uma oração.³³ É notável que Calvino não tenha procurado para si a posição de presidente da Academia, entregando-a

ao seu novo colega Teodoro Beza.

C. As Normas da Academia de Genebra

Como vimos há pouco, no dia da inauguração oficial da escola, 5 de junho de 1559, houve a leitura dos estatutos da escola (*Leges academiae genevensis*), preparados por Calvino. Nesses estatutos havia normas e qualificações para o reitor, seus auxiliares, os professores e os alunos.

O reitor deveria possuir piedade e erudição, além de ser dotado de "*un esprit débonnaire*," uma personalidade condescendente, bondosa, afável, que não fosse dura e rude. Deveria ser assim para que pudesse ser um exemplo para os alunos. Essa era a idéia de Calvino para o reitor da Academia. Calvino era muito doentio; além disso, ele não podia aceitar a responsabilidade da reitoria porque tinha muitos afazeres com os problemas da Reforma no continente. Todavia, o mais importante é que o reformador nunca reivindicou para si a posição de reitor da Academia, porque reconhecia não ser qualificado para as tarefas que ele exigia de um reitor. Beza certamente era melhor equipado do que ele.³⁴ Nos estatutos, Calvino deu importância ao comportamento disciplinado dos alunos. As punições deveriam ser proporcionais às ofensas e não deveriam ser excessivamente rigorosas.³⁵

D. O Funcionamento Precário da Academia

Antes mesmo de haver qualquer edifício ou levantamento de fundos para a construção da Academia, ela começou a funcionar precariamente. A escola já estava em funcionamento antes mesmo das construções, como é próprio dos empreendimentos de idealistas.

E. O Princípio Organizacional Básico da Academia de Genebra

A princípio, Calvino queria estabelecer uma universidade com quatro áreas, mas foi forçado pelas circunstâncias precárias da época a criar somente uma Academia. A instituição era dividida em duas partes: a *schola privata* (que ensinava as crianças e adolescentes até dezesseis anos) e a *schola publica* (que fornecia o ensino universitário).

A **Schola Privata**, ou colégio, era dividida em sete classes, sendo o sétimo o primeiro ano e o primeiro o seu mais alto grau. Em cada ano, no final de abril, o aluno tinha de apresentar um ensaio em francês e, se aprovado, tinha de traduzi-lo para o latim. No dia dos exames somente outros professores podiam vigiar os alunos, não os seus próprios professores. Essa idéia nasceu da noção do pecado original, que Calvino possuía em alta medida. Depois de aprovados, os melhores alunos de cada classe recebiam prêmios e promoções.

Ao contrário de outras escolas congêneres da época, a Academia de Genebra insistia no conhecimento abrangente de ambas as línguas, o latim e o francês. Depois de três anos de estudo na *schola privata*, quando os alunos adquiriam certa fluência nessas línguas, eles começavam a estudar as *Epístolas* de Cícero, a *Eneida* e as *Bucólicas* de Virgílio, as *Orações* de Isócrates e outras obras semelhantes. Depois da fluência no latim, passavam ao grego. Então, liam Sêneca, Xenofonte, Demóstenes e Homero. O conhecimento das línguas era fundamental para o ensino básico da Academia.

A **Schola Publica**, uma continuação do colégio, fornecia estudos em nível superior. A

ênfase recaía sobre as artes e a teologia, que eram os meios para o conhecimento de Deus através da revelação geral e especial. Afinal de contas, os alunos estavam sendo preparados para servir à sociedade nos anos subseqüentes. A universidade preparava os alunos de uma maneira também prática, pois o alvo de Calvino era treinar os estudantes para as suas responsabilidades como ministros da Palavra e também como dirigentes do governo civil.

O método de ensino da universidade era diferente do método da escola anterior. Os alunos tinham vinte e sete horas semanais de preleções públicas. Havia muito menos regras para os estudantes universitários. Eles tinham que se matricular, assinar a Confissão de Fé e freqüentar as preleções. Na escola superior havia uma rígida supervisão e uma grande ênfase sobre a importância da adaptação do assunto e do método de ensino à idade e capacidade dos alunos. Os universitários deveriam aprender a avaliar criticamente as idéias lidas e expostas nas aulas.

O professor de artes ensinava ciência física e matemática na universidade. Ao contrário das escolas da Renascença, o estudo da ciência física visava descobrir a natureza, através da qual Deus se revela a todos os seres humanos. Investigando a natureza, o homem poderia conhecer melhor o seu Criador. Este era o ponto de conflito com a filosofia educacional do escolasticismo, que ensinava que o mundo físico era meramente um estágio inferior numa longa "cadeia do ser" que se dirigia ao "Motor Imóvel," que é Deus. Também conflitava com a escola da Renascença, que geralmente era panteísta. Para Calvino, o estudo da natureza (a revelação geral) era a responsabilidade que Deus havia dado ao homem para que este pudesse conhecê-lo e conhecer os seus semelhantes, além do estudo metucioso das Escrituras (revelação especial).³⁶

Além de ciências naturais, o professor de artes ensinava retórica avançada. Aristóteles e Cícero eram os modelos preferidos. Tanto os ministros como os administradores civis e advogados precisavam dessa arte de convencer as pessoas. Este era um dos cursos mais práticos da Academia de Genebra.

Os alunos da Academia estudavam hebraico com a ajuda de comentários judaicos. Também estudavam grego para poderem fazer análises posteriores dos textos bíblicos nas línguas originais. Todavia, curiosamente, os textos gregos usados na Academia não eram os do Novo Testamento. O professor apresentava Aristóteles, Platão e Plutarco ou "algum filósofo cristão."³⁷ Nestas ênfases não é difícil perceber o espírito e a formação humanista de Calvino com respeito ao conhecimento do mundo não-cristão.

O estudo da teologia era parte integrante da universidade. Nesse departamento, destacavam-se Calvino e Beza, professores que se alternavam semanalmente. Eles expunham a Escritura e das preleções de Calvino surgiram os seus comentários bíblicos. As discussões teológicas não eram realizadas na *Schola Privata*. Ali apenas se praticavam exercícios devocionais para educar os alunos na fé reformada. Foram estes os princípios educacionais da Academia liderada por Calvino, visando preparar os cidadãos de Genebra para serem ministros da Palavra e futuros dirigentes da cidade.

F. O Princípio da Ordem de Comando na Academia de Genebra

A Academia tinha um princípio de comando bem-articulado. A primeira pessoa no comando era o *reitor*, nomeado por dois anos. Ele possuía assistentes: no colégio (ou *schola privata*) ele tinha o *diretor* (um dos professores), que acumulava a tarefa de observar se o trabalho dos departamentos estava sendo desenvolvido adequadamente. O

diretor também contava com *regentes*, que eram professores dos vários graus do colégio responsáveis por executar as determinações do diretor nos assuntos referentes à instrução. Ainda sob a imediata supervisão do reitor estavam os professores de hebraico, grego, artes e teologia, que eram os responsáveis pelos estudos daqueles que haviam alcançado o nível universitário. Com esse regulamento da estrutura da escola, Calvino foi um dos primeiros educadores a estabelecer um sistema de fácil entendimento e execução.³⁸

G. O Princípio Confessional Básico da Academia de Genebra

Calvino insistiu que a Academia ficasse sob o controle da Igreja. Todos os professores eram indicados pelos ministros de Palavra e deveriam estar debaixo de uma estrita disciplina eclesiástica.³⁹ Tanto a vida dos professores quanto o conteúdo dos seus ensinamentos deviam refletir a cosmovisão reformada do ensino. Por essa razão, os professores indicados deveriam subscrever a Confissão de Fé de Genebra e, em todo o tempo, deveriam estar sujeitos às autoridades eclesiásticas da igreja de Genebra.

H. O Princípio Ético Básico da Academia de Genebra

Todos os alunos recebiam uma espécie de supervisão não somente com respeito às suas crenças, mas também quanto ao seu comportamento. A prática da ética cristã na educação veio a ser algo muitíssimo importante para a cosmovisão calvinista. Obviamente, algumas regras aplicadas naquela época eram muito mais rígidas do que se propõe modernamente. Todavia, se levarmos em conta o estilo de vida das pessoas do século XVI, que refletia o espírito de motim, desordem e devassidão dos alunos da Idade Média, esses preceitos não podem ser considerados como excessivamente drásticos.⁴⁰

I. O Currículo da Academia de Genebra

Os estatutos da Academia foram lidos pela primeira vez em latim e em francês. Teodoro Beza e outros professores ministravam aulas de gramática, lógica, matemática, física, música e línguas antigas. Todos os grandes autores clássicos deveriam ser estudados: dentre os de tradição latina, Cícero, Virgílio e Ovídio; dentre os de tradição grega, Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco e Platão. Havia um departamento de hebraico, que foi entregue a Chevalier, um aluno de Vatable, um ex-tutor da rainha Elizabete. Os professores e alunos deveriam subscrever o Credo Apostólico e a Confissão de Fé. Curiosamente, o capítulo preferido dos calvinistas na confissão era o da predestinação, que foi omitido propositalmente para que "papistas e luteranos" pudessem ser admitidos na Academia.⁴¹

J. O Corpo Docente da Academia de Genebra

Calvino havia convidado eminentes professores para lecionar na Academia, mas eles declinaram do convite. Alguns professores muito famosos na época vieram da cidade de Lausane. Um incidente na esfera educacional de Lausane foi o motivo da mudança de alguns professores para Genebra. A infelicidade de uma cidade beneficiou o intento de outra. Os ministros de Lausane que protestaram contra a proposição de Berna a respeito da autoridade secular em matéria de disciplina foram depostos em 1559.⁴² Eles então mudaram-se para Genebra tão logo receberam o convite de Calvino. Entre eles estavam Teodoro Beza e Pierre Viret. Beza foi nomeado reitor. Outros que vieram a ser professores foram Mathurin Cordier, Antoine Saunier e Sebastian Castellio.

Beza (1519-1605) tinha quarenta anos quando a Academia foi fundada. Antes havia lecionado por dez anos em Lausane, juntamente com Viret, com quem trabalhou novamente em Genebra. Beza recebeu um sólido treinamento de Melchior Wolmar — um erudito da língua grega que muito contribuiu para o estudo do Novo Testamento — e liderou a igreja de Genebra por quarenta anos após a morte de Calvino.

K. O Alunado da Academia de Genebra

A princípio, algumas pessoas acharam que a escola não prosperaria por falta de estudantes. Ela começou com uma matrícula de 162 alunos, principalmente franceses, provavelmente filhos dos exilados vindos de outros países europeus por causa de perseguição religiosa. De qualquer forma, em seis anos o número de estudantes cresceu assustadoramente. Por volta 1565, um ano após a morte de Calvino, havia cerca de 1600 alunos, representando a maioria dos países da Europa.⁴³ Todos eles vinham a Genebra para estudar na Academia, também chamada de *schola publica*.⁴⁴

L. O Propósito da Academia de Genebra

A Academia foi uma das instituições mais importantes de Genebra e tinha como finalidade a fortalecimento da religião reformada ensinada nos lares.⁴⁵ A educação dada pelos pais era limitada na sua abrangência, pois poucos deles tinham acesso a boas escolas e pouco poderiam transmitir a seus filhos além dos rudimentos da fé cristã e da vida em geral. Até então, o povo de Genebra não havia tido a oportunidade de conhecer os mistérios da fé cristã e das artes. Somente alguns privilegiados do clero é que haviam sido instruídos nas ciências e nas artes. Então, Calvino pensou em oferecer aos cristãos do seu tempo essa oportunidade que lhes fora negada durante a história daquela cidade, e isso o levou a criar a Academia.

O propósito da escola avançada da Academia era principalmente a preparação de ministros da Palavra para servirem as igrejas reformadas. Direito e medicina eram interesses secundários, razão porque apareceram posteriormente, depois da morte de Calvino em 1564. Todavia, os olhos de Calvino enxergaram mais longe.

A liderança de Genebra, tendo Calvino como seu mentor, procurava mentes de vários lugares da Europa que pudessem treinar a juventude da cidade. O alvo de Calvino, ao fundar a Academia, "era fazer com que a igreja se auto-perpetuasse educacionalmente."⁴⁶ A cidade não poderia mais ficar com a mera educação básica. Ela precisava de uma escola que viesse a preparar educadores que perpetuassem a educação da cidade. McNeill diz que

as ordenanças de 1541 falavam da "necessidade de lançar a semente para um tempo vindouro, a fim de que a Igreja não fosse um deserto para nossas crianças," e falavam também da obrigação "de preparar a juventude para o ministério e para o governo civil."⁴⁷

Em última instância, a cidade queria preparar cidadãos para que fossem líderes do povo suíço. Além disso, uma reforma religiosa tinha de ser acompanhada de uma reforma educacional. Do contrário, a reforma da religião haveria de carecer de homens devidamente preparados.

Charles Borgeaud, um dos biógrafos de Calvino, observou: "Calvino havia realizado a sua tarefa: ele havia assegurado o futuro de Genebra... de uma só vez fazendo uma igreja,

uma escola e uma fortaleza. Esta foi a primeira fortaleza da liberdade nos tempos modernos."⁴⁸

M. O Sucesso da Academia de Genebra

Não somente Genebra, mas outras regiões da Europa foram diretamente afetadas pela criação da Academia e das outras escolas de Genebra. Os líderes das igrejas reformadas do continente e da Grã-Bretanha foram fortemente influenciados pelas aulas de Genebra, pela pregação de João Calvino e pelos cânticos do saltério. É perfeitamente justo dizer que não somente a Academia, mas todo o contexto da cidade de Genebra, ou seja, o contexto acadêmico, político, litúrgico e teológico afetaram positivamente toda a Europa e, posteriormente, o continente americano.

O sucesso da Academia foi extraordinário. Ela foi o berço de grande parte do ministério protestante da Europa naquela época. Ali surgiram os pregadores e mestres mais importantes do protestantismo europeu. Todas as igrejas enviavam os seus jovens para serem preparados em Genebra. O próprio Jacobus Arminius (1560-1609), que veio a ser o grande adversário do calvinismo teológico, em 1582 foi enviado pela igreja reformada holandesa a Genebra, onde estudou aos pés de Beza.

Calvino produziu um grande impacto como teólogo, pastor e educador. Sua influência foi magistralmente descrita nas palavras de William Monter:

Esse pregador, educador e conselheiro havia se tornado uma força moral extraordinária em Genebra, e sua influência difundiu-se em muitas áreas além do ministério. Quando ele morreu, em 1564, Genebra perdeu o homem que lhe havia dado o suprimento de homens, instituições e idéias que a capacitariam a sobreviver como um território isolado no meio de terras católicas, como uma pequenina cidade-estado cercada pelo absolutismo dos príncipes, e como um modelo para todas as comunidades reformadas e igrejas de seu século."⁴⁹

O pensamento teológico e educacional de Calvino ecoa com firmeza até os dias de hoje e está no fundamento de toda a cultura ocidental. A Academia de Genebra

criou uma cultura verdadeiramente estreita, quando julgada pelos padrões modernos, mas ainda assim firmemente baseada no novo aprendizado da sua época, e reforçada pela disciplina mental de uma constante preocupação com os grandes temas da teologia.⁵⁰

A esperança de um reavivamento do calvinismo não está somente na pregação da teologia reformada, mas na sadia visão educacional do reformador francês, que incluía o estudo de Deus e das humanidades, visando preparar homens e mulheres para servirem à igreja e ao mundo.

CONCLUSÃO

Calvino era um filósofo da educação? Não o era nos moldes que hoje conhecemos, mas certamente possuía uma filosofia muito clara do trabalho educacional. Ele tinha alvos específicos e sabia muito bem como atingi-los. A sua filosofia de auto-perpetuação da educação em Genebra teve tanto êxito que permaneceu ao longo do tempo. Mais tarde aquela despreziosa Academia tornou-se a famosa Universidade de Genebra,

mundialmente

reconhecida.

* O autor é ministro presbiteriano. Obteve seu doutorado (Th.D.) em Teologia Sistemática no Concordia Theological Seminary, em Saint Louis, Missouri, Estados Unidos. É professor de Teologia Sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição.

¹ W. Stanford Reid, "Calvin and the Founding of the Academy of Geneva," *Westminster Theological Journal* 18-19 (1955-57), 3.

² *Ibid.*, 3.

³ Ver a epístola dedicatória a Mathurin Cordier no seu Comentário de 1 Tessalonicenses.

⁴ François Wendel, *Calvin: Sources et Evolution de sa Pensée Religieuse* (Paris, 1950), 12ss.

⁵ Reid, "Calvin and the Founding," 5.

⁶ *Ibid.*

⁷ No Gymnasium, os estudantes concentravam-se em estudos linguísticos, particularmente no domínio do latim.

⁸ Uma espécie de escola superior ou academia.

⁹ Reid, "Calvin and the Founding," 6. Todavia, esse modelo de Sturm não pode ser aplicado em sua plenitude por causa de problemas políticos e da tomada da cidade por autoridades luteranas que não possuíam exatamente a mesma filosofia educacional. Essa filosofia foi mais útil na cidade de Genebra.

¹⁰ T. M. Moore. "Some Observations Concerning the Educational Philosophy of John Calvin," *Westminster Theological Journal* 46 (1984), 141.

¹¹ *Ibid.*, 142. Somente cerca de cem anos mais tarde é que apareceu uma espécie de filosofia reformada da educação com o advento de João Amós Comenius (1592-1670), que escreveu uma obra, já traduzida para o português, intitulada *Didática Magna* (Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954).

¹² Moore, "Educational Philosophy," 140. Sua obra educacional teve repercussões em outros países da Europa Ocidental, nas Ilhas Britânicas e na América do Norte.

¹³ *Ibid.*, 147.

¹⁴ Reid, "Calvin and the Founding," 7.

- 15 Moore, "Educational Philosophy," 144.
- 16 *Ibid.*, 145.
- 17 Calvino, *Institutas*, 4.1.1-4.
- 18 *Ibid.*, 2.2.12.
- 19 *Ibid.*, 1.5.1.
- 20 *Ibid.*, 1.5.2.
- 21 Moore, "Educational Philosophy," 149.
- 22 Reid, "Calvin and the Founding," 6.
- 23 Reid, "Calvin and the Founding," 8.
- 24 John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism* (Nova York: Oxford University Press, 1957), 194.
- 25 Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), VIII:804.
- 26 McNeill, *History and Character of Calvinism*, 192.
- 27 *Ibid.*
- 28 *Ibid.*, 195. O articulista observa que havia um recesso das nove às onze horas, quando os alunos eram levados para suas casas diariamente, e nas quartas-feiras tinham duas horas de recreação supervisionada. Havia também outro intervalo das doze às quinze horas aos sábados, para esclarecimentos das aulas ministradas nas disciplinas. Havia férias de três semanas no outono.
- 29 McNeill, *History and Character of Calvinism*, 194-95.
- 30 *Ibid.*, 195.
- 31 Reid, "Calvin and the Founding," 9.
- 32 Ver Schaff, *History of the Christian Church*, VIII:804.
- 33 McNeill, *History and Character of Calvinism*, 194.
- 34 *Ibid.*, 194.
- 35 McNeill registra que "em 1563 um professor foi dispensado e desqualificado porque bateu brutalmente em dois alunos" (*Ibid.*).

³⁶ Reid, "Calvin and the Founding," 15.

³⁷ *Ibid.*, 17.

³⁸ *Ibid.*, 12.

³⁹ *Ibid.*, 11.

⁴⁰ *Ibid.*

⁴¹ Schaff, *History of the Christian Church*, VIII:805.

⁴² McNeill, *History and Character of Calvinism*, 193.

⁴³ *Ibid.*, 195.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ Schaff, *History of the Christian Church*, VIII:804.

⁴⁶ McNeill, *History and Character of Calvinism*, 193.

⁴⁷ *Ibid.*, 192.

⁴⁸ Citado por McNeill, *History and Character of Calvinism*, 196.

⁴⁹ William Monter, *Calvin's Geneva* (Huntington, Nova York: Robert E. Krieger, 1975), 119-120.

⁵⁰ A. Dakin, *Calvinism* (Londres, 1941), 144. Citado por Reid, "Calvin and the Founding," 21.